

Cidade e Imprensa: Rio de Janeiro no Correio Paulistano

Cléia Schiavo Weyrauch

Preliminares de um estudo

Que papel teve a Imprensa na formulação de uma idéia de cidade, quando, no início do século XX, se consolidava uma moderna experiência urbana? Que questões caracterizaram essa experiência, indissolavelmente vinculada aos processos de modernização da sociedade e de consolidação do capitalismo? Do ponto de vista dos jornais de estaduais¹, que qualidade de informações sobre a cidade do Rio de Janeiro eram ressaltadas, e como elas conduziam o leitor a valorizar uma determinada ordem de cidade? Este artigo procura estabelecer algumas conexões entre o conteúdo dos *Telegramas*, publicados na Sessão Telegramas do *Correio Paulistano* sobre a cidade do Rio de Janeiro, em pleno período Pereira Passos, e o clima de exaltação político-social das modernas estratégias urbanas – fomentadas, entre outras coisas, através das propostas do «Plano de Remodelação da Cidade» para a capital do país; e identificar, também, as relações entre os telegramas e a emergência, na narrativa jornalística, de um novo tratamento para questão urbana, que passa a aparecer emancipada da questão política.

Fundado em 1854 na cidade de São Paulo, *O Correio Paulistano*² é registrado, no livro *A história da imprensa no Brasil*, como um jornal estável, cuja tendência, *apesar de seus intervalos liberais* (Sodré, 1966, p.218), o enquadra no registro conservador do jornalismo brasileiro.

A sessão *Telegramas*, regra geral, era organizada pelos secretários de redação, ou editores-chefe dos jornais estaduais, com base em uma seleção de reportagens e telegramas publicados pela imprensa de outras cidades e, sobretudo, nos jornais da capital. Apresentavam-se sob a forma de resumo que, não raro, identificava a origem da informação veiculada: *Lê-se no Jornal do Comércio; Diz A Notícia; Em seu número desta tarde, A Notícia insiste*. A pauta elaborada por esses secretários (cargo correspondente à atual função de editor-chefe) definia a estratégia

diária das notícias, nesta coluna. Embora a agência *Reuter-Havas* de notícias tenha se instalado, no Rio de Janeiro, em 1874, o recurso sistemático aos serviços desse tipo de agências, no que se refere às informações nacionais, só mais tarde se generalizou entre jornais do país. No caso, o *Correio Paulistano* começou a utilizá-la em 1908.

A cidade como informação

Entre tantas concepções de cidade existentes na literatura científica, este trabalho concebe cidade como mensagem que se atualiza em uso³ e/ou através de informações expressas em canais formais e informais. Esta concepção aproxima o conceito de cidade de um sistema de informações cuja configuração depende do lugar social de onde cada um a vê e a lê, da qualidade do processo de transformação pelo qual passa a cidade, e do acesso (ou não) de seus cidadãos aos canais de informação existentes.

Face aos radicais processos de transformação pelos quais passaram, de forma generalizada, os centros urbanos, a (re)construção da idéia de cidade implica, normalmente, no aprendizado de novas linguagens, quer através da própria vivência social do espaço, quer, apenas, por efeito dos discursos que sobre este espaço passa a se produzir. A decodificação dessas novas linguagens – que, juntas, tecem o novo contexto urbano – é realizada a partir dos diferentes lugares sociais e por meio dos diversos canais de comunicação disponíveis. Para o habitante, a formulação de uma idéia de cidade passa pela dialética entre uso e discurso na e sobre a cidade, no registro da familiaridade histórica entre ator e universo signico. No caso da narrativa jornalística, esta construção é submetida a um distanciamento em que, além das informações sistemáticas veiculadas pela imprensa, pesam as referências político-históricas do leitor que, em última instância, definem a qualidade da interpretação do texto lido.

Neste trabalho, o lugar de onde se lê é a cidade de São Paulo e o canal mediático, a Sessão *Telegramas* do jornal *O Correio Paulistano*; a cidade analisada, o Rio de Janeiro em processo de modernização.

A cidade como cenário político

No início do século XX, o poder político da República, sediado na cidade do Rio de Janeiro, empenhou-se na tarefa de produzir uma imagem nacional de cidade⁴ capaz de fornecer identidade ao novo projeto de cidadania, elaborado em consonância com os princípios da República recém-instalada. Para isso, o Governo Federal promoveu a realização de um Plano Urbanístico⁵ que busca traduzir estes objetivos políticos sob a forma de um redesenho espacial da cidade-capital. Essa moderna especificação do espaço, além de introduzir na área urbana uma nova cenografia espacial, também forçou a população da cidade a enfrentar novas questões e dilemas sociais. A propósito do «Plano de Remodelação da Cidade do Rio de Janeiro», diz o Telegrama publicado no dia 31/01/1903 no *Correio Paulistano*:

Ontem, pela primeira vez depois de ter assumido o alto cargo de Prefeito do Distrito Federal, esteve no Palácio do Catete o Dr. Pereira Passos, que foi recebido pelo Sr. Presidente da República, com quem teve demorada conferência sobre diversos melhoramentos que pretende por em execução nesta capital.

Ao fim e ao cabo, o Prefeito Pereira Passos, ao executar os referidos *melhoramentos* — incluídos no projeto político/administrativo do Governo Rodrigues Alves — contava com o apoio político-econômico do Governo Federal e de segmentos sociais empenhados no processo de modernização da sociedade, como o grupo que constituía o Clube de Engenharia, fundado em 1880. Como já afirmado, do ponto de vista político, a nova composição urbana proposta atendia à necessidade de implantação de um novo *design* de cidade, sob a égide de uma nova ordem político-econômica: a consolidação da República também dependia da aceitação, por todos os cidadãos do país, da moderna cidade-capital, processo no qual a imprensa, como veículo de massa, desempenhou um papel privilegiado, situando a cidade do Rio de Janeiro como permanente referência para o país. Na prática, as questões da Prefeitura do DF tornaram-se questões nacionais, assumindo o Plano de remodelação da ci-

dade uma dimensão que extrapolava seus próprios limites territoriais. Nesse registro, a partir já da fase de idealização do Plano, as questões relativas ao saneamento da cidade do Rio de Janeiro, às obras de seu porto, a seu embelezamento e todos e quaisquer problemas correlatos, passam a ocupar, diariamente, as páginas da Sessão *Telegrama do Correio Paulistano*:

Porto do Rio

O governo até agora guarda sigilo sobre as idéias gerais do projeto relativo as obras do porto desta capital. Cremos, porém, estar bem informados e aptos a afirmar que o Dr. Lauro Müller, Ministro da Indústria e Viação se afastou completamente dos projetos até agora ideados com referência aqueles melhoramentos. Esses projetos eram, na sua quase totalidade, formulados por pessoas que visavam unicamente o melhoramento do cais para o comércio de embarque e desembarque. Sendo agora o projeto procedente do próprio governo da União, o Ministro da Indústria teve em vista no seu trabalho duas questões englobadamente, a do melhoramento do cais e do saneamento da cidade, procurando assim, ao mesmo tempo, realizar todas as comodidades. Desse modo, S. Ex. dará comunicação do cais com a cidade por meio de largas avenidas, sendo observadas todas as prescrições assinaladas pelos professores da higiene moderna. Parece, outrossim, ser intenção de S. Ex. incluir no seu projeto o prolongamento do Canal do Mangue até o mar, ficando uma linha paralela, em toda a suas extensão de elegantes avenidas. Desse modo, ficará removido o grande inconveniente da estagnação das águas e do lamaçal normalmente existente no leito do canal. (Correio Paulistano, 05/03/1903)

A Sessão *Telegramas* divulgou, também, com frequência, a ritualística do poder nacional, registrando o movimento do Presidente da República e de outras personalidades em torno do Palácio do Catete, sem que fosse assinalado, muita vezes, o conteúdo político desse ritual. Muitos são os *Telegramas* dedicados a tais registros e que, sob títulos como «No Catete» e «Ir ao Catete», expressam a carga político-simbólica da cidade-capital da República – que tinha no Catete seu cenário político maior:

O Dr. Rodrigues Alves esteve de manhã na sala dos despachos do Catete, Acompanhado do seu secretário (...). O Sr Presidente está bem melhor da ligeira enfermidade de que foi acometido. O Sr Presidente pretende dar amanhã audiência pública em palácio, o

que não pode fazer na quinta-feira passada, devido ao acúmulo de afazeres que exigiam a sua atenção. O Dr. Rodrigues Alves tem recebido muitos telegramas cartas e cartões pedindo informações do estado de saúde de Sua Excelência. O chefe de Estado não recebeu pessoa alguma hoje de manhã. A tarde estiveram em palácio várias pessoas, em visita à Sua Excelência. (Correio Paulistano, 05/02/1903)

Mas outros títulos de *Telegramas* também ilustram o destaque concedido a essa ritualística: «O Sr Presidente da República», «Recepção no Catete», «Dr. Rodrigues Alves», «O Prefeito em Palácio», etc.

Cidade: mudança e permanências

No plano executado por Pereira Passos, ficava implícita a proposição de uma nova experiência histórica a todos os âmbitos sociais que as novas relações urbanas, presididas pela dinâmica do capitalismo, impunham. Os processos modernos a ele relacionados eram vistos como o ápice de uma evolução civilizatória, que, atingindo agora a remodelação de uma cidade, significavam, supostamente, a implantação de uma nova e duradoura proposta de vida. As resistências, nada ressaltadas, aparecem em poucos *Telegramas*, que quase empregam de humor. À época, a imprensa, como o mais importante campo mediático, inaugurava para todo o país o discurso sobre o urbano a partir das experiências sociais da cidade-capital, através de um conjunto de informações que iam desde os dilemas da modernização às utopias das elites ao cotidiano de uma cidade que se transmutava para receber os novos tempos.

No caso do *O Correio Paulistano*, entre 1903 e 1905, o jornal publicou alguns títulos que revelam as mudanças e permanências da cidade do Rio de Janeiro: «As Obras do Porto», «Uma nova Avenida», «Desapropriações», «Caça aos Cães», «Repressão à Mendicidade», «Greve», «Festa da Penha», «Saneamento do Rio de Janeiro», «O Carnaval», «Carnavalescos Barulhentos», «Criação de Suínos», «O Prefeito no Clube de Engenharia», «A favor dos vaqueiros», «Contra a febre amarela Biblioteca nacional», «Casas para Operários», «A festa do Trabalho», «Telégrafo sem fio», etc.

Na prática, o processo de mudança em curso nas primeiras décadas do século XX provocou alterações de todos os tipos na cidade do Rio de Janeiro. A substituição de uma ordem de cidade por outra, segundo o

Correio Paulistano, foi aplaudida pela população em geral. Se, por um lado, o jornal registra a permanência de velhos hábitos contrários à nova proposta de civilidade, por outro adota com entusiasmo os novos rituais urbanos, como as exposições e as batalhas de flores. A propósito desse tema, a maioria dos telegramas publicados são longos e minuciosos.

Batalha de Flores

Este belo certame, que vai ser inaugurado no Jardim da Aclamação pelo Sr. Prefeito Municipal, tem despertado entusiasmo. O Dr. P.P. providencia, para que nada falte a essa festa elegante e artística. Serão distribuídas plantas organizadas pela prefeitura, marcando a pista da batalha.

Somente duas tribunas vão ser construídas no jardim: uma para o presidente da República e sua comitiva e outra para a comissão julgadora, tendo já o Sr. Prefeito expedido 20 convites aos cavalheiros que a deverão constituir. Os prêmios serão distribuídos pelo Sr. Presidente da República. (Correio Paulistano, 12/07/1903)

O *Telegrama* de 16/08/1903 noticia longamente a Batalha de flores realizada no “Jardim do Parque da República”, anunciada em 12/03/1903.

Imprensa e sociedade

Em seu clássico livro *A História da Imprensa no Brasil*, Nelson Werneck assinala o aparecimento da grande imprensa por volta da Proclamação da República. Segundo o autor, *As inovações técnicas na imprensa prosseguirão em 1895, já os jornais definindo-se como estrutura empresarial: àquelas inovações e estrutura estão intimamente ligadas.* (Sodré, 1966). Novas máquinas e estratégias gráficas colaboram para a rápida difusão e legitimação de um conceito de sociedade e cidade adequado às necessidades da nova ordem econômica. A informação torna-se mercadoria que, ao circular nas várias esferas do social, difunde e consagra interesses. Entre eles, o da necessidade intrínseca de informações para a dinâmica da complexa e heterogênea sociedade urbana. Na prática, imprensa e sociedade afetam-se reciprocamente, em um jogo onde os empresários deste tipo de negócio possuem mais poder de fogo. Do ponto de vista social, no Brasil do início do século, a imprensa, organizada como empresa, incorporava à sua tradicional temática político-literária o novo repertório da sociedade urbana, com suas questões sociais cotidianas e *faits divers*.

A respeito dessa última categoria, é curioso notar que as notícias sobre «As galerias do Castelo» e «Os tesouros do Castelo» são frequentes na Sessão Telegramas.

As galerias do Morro do Castelo

Continuaram com afincos os trabalhos de desobstrução da nova galeria ontem descoberta. Hoje, os trabalhadores penetrando na galeria encontraram a alguns metros da entrada uma sala de tamanho regular, onde se achavam objetos diversos, entre os quais uma tesoura, um frasco de vidro e uma garrafa arrolhada. Recomeçaram hoje os trabalhos de escavação da primeira galeria descoberta na parte de cima do Morro do Castelo, no local onde existia a Cruz dos monges. (Correio Paulistano, 20/02/1905)

Além do debate sobre o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, a imprensa registrou a dialética entre as formas espaciais e hábitos urbanos nas suas contradições, conciliações e ironias. E, ainda, as greves e os processos de burocratização da sociedade. Por outro lado, os jornais foram, gradativamente, registrando a autonomia da questão urbana, não mais pensada da perspectiva dos fossos ou limites da cidade ou, somente, das biografias políticas a elas relacionadas. Seus problemas sociais, suas estatísticas, seus problemas éticos e burocráticos passam a exprimir a existência de novos problemas à espera de novas soluções. Destes falam alguns dos títulos da Sessão Telegramas do Correio Paulistano: «Prefeitura», «Acumulação de empregos», «Estado sanitário no Rio de Janeiro», «Água no Morro da Viúva», «Fechamento de confeitarias», «A Light e a prefeitura», «A mortalidade no Rio», «Cobrança de imposto predial», «Reorganização Municipal», «Reforma da Polícia», «Serviço de matadouro», «Divisão do DF», «Conselho Municipal», etc.

Cidade e Imprensa

O que a imprensa torna, no interior de uma cidade um fato político? O que seleciona para veicular como tema de relevância? Por que, entre as muitas informações sobre uma cidade, um enredo é selecionado em detrimento do outro? O que a Sessão Telegramas mostra, no caso da cidade do Rio de Janeiro, é a defesa de uma nova cenografia urbano-social, onde as greves têm que ser neutralizadas, os cães e vaqueiros expulsos das imediações da cidade e os novos equipamentos urbanos e rituais celebrados. Na nova cenografia proposta, as Avenidas, sobretudo a Avenida Central, constituem palco

do espetáculo da modernidade republicana. Nesta perspectiva, a modernidade política confunde-se com modernidade urbanística, aliando-se às exigências estético-funcionais da cidade as do poder constituído. As necessidades do capitalismo em expansão também exigiam o fluxo rápido de mercadorias pelas avenidas, com base em uma racionalidade que já mereceu tantas reflexões.

De um modo geral, as avenidas tornam-se símbolos de modernidade urbana que, além de projetarem a cidade como o espaço de encontro e circulação, impõem um padrão inédito de conduta social. De fato, o *Correio Paulistano* atesta a importância atribuída às avenidas, conforme manifestam inúmeros Telegramas publicados: estas construções simbolizam e resumem a cidade da nova era. Para Jean Paul Lacaze, as modernas avenidas, nascidas da demolição de antigas cidades, significam a vitória da abertura contra a clausura medieval¹. É curioso observar que o relatório sobre os melhoramentos da cidade de 1875, assinado, inclusive por Pereira Passos, apontava a *...estreiteza e a sinuosidade das ruas como focos de epidemia, pela ausência de ventilação, acúmulo de águas.* (Rocha, 1995, p.99)

Registra Lacaze: *A destruição das muralhas fortificadas, a maioria no século XVIII, permitiu mais tarde a organização de alamedas plantadas ou bulevares, palavra que designava em sua origem a zona de servidão non aedificandi, ou seja, zona de utilidade pública.* (Lacaze, 1990, p.28)

De um modo geral, essas áreas pretensamente públicas despertavam nos cidadãos do país uma idéia de liberdade que ultrapassava os códigos sociais das cidades provinciais. Estrategicamente, essas avenidas incorporavam o futuro na forma moderna de cidade – esta mesma forma responsável pela edificação, no que concerne ao Rio de Janeiro, de uma definição única, comum e extensível à toda a população do país. No *Correio Paulistano* são inúmeras as notícias sobre as Avenidas: a Beira-Mar, Salvador de Sá, Passos e, sobretudo, a Avenida Central, cujo cotidiano de construção foi atentamente acompanhado pelo Jornal, desde a elaboração de seu projeto até a sua inauguração em 1905. No ano de 1906, a Prefeitura deu início a construção da Avenida Atlântica.

Os telegramas que se seguem, além de exprimirem a força do ideário republicano, situam a Avenida Central como o lugar da exposição das novas tecnologias, equipamentos e instituições modernas.

Uma nova avenida

A Prefeitura do Distrito Federal comprou 13 prédios situados nas ruas Camerino, Senhor dos Passos e Alfândega para a abertura de uma nova avenida. (Correio Paulistano, 08/04/1903).

Embelezamento da cidade

O Dr. Pereira Passos, Prefeito do D.F. conferenciou hoje com o Sr Presidente da República relativamente aos planos de embelezamento da cidade e a aprovação da planta da Avenida projetada. (Correio Paulistano, 28/05/1903).

As construções na Avenida Central

Foram aprovados pelo Dr. (...) as regras gerais apresentadas pela Comissão das obras da grande avenida para os prédios que ali forem construídos. (Correio Paulistano, 08/05/1904).

As obras da Avenida

Depois de amanhã, os Sr Dr Lauro Muller (...). Dr Paulo de Frontin (...) visitarão as obras de arrasamento do Morro de São Bento, na parte que dá para a Avenida (...) (Correio Paulistano, 25/02/1905)

Calçamento da Avenida

...em meados do mês entrante chegará a esta cidade todo o material destinado ao calçamento da Avenida Central. (Correio Paulistano, 29/04/1905).

Avenida Central

Com toda a solenidade efetuou-se à tarde o plantio das primeiras árvores na Avenida Central. Por motivos de força maior, não puderam comparecer a festa o Sr Presidente da República e suas exm^{as} filhas. A cerimônia foi presidida pelo Sr Dr. Lauro Muller, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, começando às quatro horas da tarde. As primeiras árvores foram plantadas pelas exm^{as} esposas dos Srs. Drs. Osório de Almeida, Luiz Von Erven, Paulo de Frontin e outras senhoras. Durante o ato, tocaram várias bandas de música. A árvore escolhida é o pau brasil, de que a Comissão da Avenida possui grande quantidade, na Vila Isabel. Terminada a cerimônia, foram servidos refrescos as pessoas presentes. (Correio Paulistano, 21/10/1905).

Avenida Central

O Sr. Dr. Lauro Muller, Ministro da Viação esteve hoje na Avenida Central, examinando os arvoredos que ali estão sendo plantados e o calçamento. (Correio Paulistano, 26/10/1905).

Avenida Central

Esperado da Europa por estes dias o automóvel encomendado pelo Sr Dr. Lauro

Muller, *Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas e no qual o Sr Presidente da República inaugurará a Avenida Central percorrendo-a em toda a sua extensão.* (Correio Paulistano, 27/10/1905)

Avenida Central

Na noite de domingo próximo será feita a experiência de novas lâmpadas de iluminação elétrica da Avenida Central. (Correio Paulistano, 08/11/1905)

Um baile na Avenida

Por iniciativa dos engenheiros que fazem parte da Comissão Construtora, realizou-se grande baile no edifício do Primeiro Distrito da Avenida Central sendo muito concorrido. (Correio Paulistano, 19/11/1905)

Na Avenida Central

Efetou-se hoje à tarde, a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do belo edifício da Associação dos Empregados do Comércio (...) (Correio Paulistano, 19/11/1905)

À guisa de consideração parcial

Do ponto de vista político, o projeto político administrativo de Pereira Passos pretendeu criar na cidade do Rio de Janeiro a grande área de convergência e de acordo nacionais, utilizando-se, para tal, dos modernos recursos do planejamento urbano, da euforia do progresso e da nova sensibilidade que se grassava entre a população e, com maior força, entre a elite da cidade. O Telegrama que descreve a inauguração da Avenida Central sugere, melhor do que qualquer argumentação, a aliança entre urbanismo e política – eixos de uma cadeia de informações que elevou a Avenida Central à condição de verdadeiro ícone da proposta de modernidade do país. O Governo Federal e a Municipalidade da cidade do Rio de Janeiro fizeram coincidir a inauguração da Avenida, no dia 15 de novembro de 1905 com a comemoração pela passagem do sexto ano da Proclamação da República:

As festas de hoje

Estiveram brilhantíssimas, apesar do mau tempo as festas de hoje, comemorativas da Proclamação da República. Para maior lustre dos festejos, que se afetaram, concorreu o júbilo popular pela inauguração da Avenida Central. Conforme programa das festas, precedentemente publicadas, às sete e meia da manhã começaram a formar em parada na Praça da República as três brigadas que deveriam obedecer ao mando do General Hermes da Fonseca comandante do quarto Distrito Militar.

A brigada de marinha que formou com as forças do exército compunha-se de 1500 ho-

mens, constituindo três batalhões: dois de marinheiros e um de infantaria de marinha. (...)

As nove e meia chegou escoltado por um esquadrão do IXº regimento de cavalaria o landau presidencial descoberto conduzindo o Dr. Rodrigues Alves em companhia dos ministros da Viação, Guerra e Marinha, Dr. Lauro Muller, Marechal. Argollo e contra-almirante Julio de Noronha.

As 10 horas em ponto ouviram-se os tiros dos canhões do cruzador Barroso e torpedeiro Tupi salvando a gloriosa data rompendo então as bandas o Hino Nacional (...). O Dr. Rodrigues Alves foi recebido pelo Dr. Paulo de Frontin e outros engenheiros encarregados das obras da Avenida

O Dr. Rodrigues Alves seguiu pouco depois para o Palácio do Catete, onde recebeu as pessoas que o foram cumprimentar pela data nacional. S.Ex.a devia voltar à Avenida, pela tarde, a fim de assistir ao lançamento das pedras fundamentais do edifício da Associação Comercial e do nosso pavilhão que serviu na Exposição de S. Luiz, o que não se realizou devido à chuva torrencial que começou a cair.» (Correio Paulistano, 19/11/1905)

As notícias sobre a Avenida Central continuaram, nos anos subseqüentes, a ocupar sistematicamente a coluna *Telegramas*, o que evidencia a afirmação da cidade moderna como o lugar de expressão de uma qualidade de cidadania que fez chorar alguns humanistas e boêmios.

Cléia Schiavo Weyrauch

- Profª Dra. em Ciências Sociais e Coordenadora de pesquisa do Mestrado em Ciências Sociais/UERJ

Notas:

O presente artigo representa o primeiro resultado do trabalho da equipe do Projeto «Imaginário Urbano e Imprensa Provincial», patrocinado pela SR2/UERJ. Esse projeto vem sendo desenvolvido na Biblioteca Nacional, a partir de filmes recentemente positivados, e correspondentes aos anos 1903 a 1905. Embora esse artigo utilize apenas o material recolhido nessas datas, a pesquisa em andamento é bem mais ampla, no que se relaciona ao seu objeto, à metodologia empregada e ao corte temporal com o qual se trabalha.

1 - Segundo Nelson Werneck Sodré, a imprensa começou a alastrar-se pelas províncias na década de 20 do século XIX. Na de São

Pedro do Rio Grande do Sul, surgiu em 1827 (...). O Ceará conheceu a imprensa em 1829; já aparecera em Minas em 1829. Em São Paulo, o primeiro jornal impresso é o Farol Paulistano. (Sodré, 1966:127)

- 2 - Nelson Werneck Sodré registra a existência de um Correio Paulistano, fundado em 1831.
- 3 - *Lucrécia d'Alessio Ferrara, no seu livro Ver a Cidade define cidade como ... mensagem a procura de significado que se atualiza em uso.* (Ferrara, 1988, p. 40). *No caso deste trabalho, cidade é mensagem que se atualiza em leitura.*
- 4 - *A questão da imagem da cidade é priorizada em detrimento das outras questões à espera de soluções.* A ordem de prioridades é invertida, colocando, definitivamente, em primeiro plano a questão da imagem. (Del Brenna, 1985)
- 5 - *O Governo Rodrigues Alves, de acordo com o seu manifesto inaugural, empreende a realização de seu projeto de "regeneração" urbanística, higiênica e social do Rio de Janeiro, isto é, a adequação da capital e, portanto do país, às novas tarefas dentro do quadro do moderno capitalismo internacional.* (Del Brenna, 1985).
- 6 - *No texto A Cidade Iluminista, publicado no primeiro livro da Série Memória, Cidade e Cultura sob a coordenação de Schiavo & Zettel (Rio de Janeiro, EdUERJ) Sérgio Paulo Rouanet trabalha com o conceito iluminista de cidade a partir de quatro polaridades, sendo a primeira delas a da abertura versus a clausura. Nas cidades modernas é priorizado o vetor da abertura.*

Bibliografia

- BRENNA, Giovanna Rosso dela. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Solar Grandjean de Montigny. RJ: 1985.
- FERRARA, Lucrécia d'Alessio. *Ver a cidade*. Editora Nobel. SP: 1988.
- LACAZE, Jean Paul. *Métodos do Urbanismo*. Papyrus. Campinas: 1993.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Civilização Brasileira. RJ: 1966.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras*. SP, Cia das Letras, 1987.